



Carioca por Cariocas Uma análise da representação do funk nos jornais O Globo e O Dia¹

Libny Silva Freire²
Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ³

Resumo

Este artigo busca investigar a representação do gênero musical funk através dos jornais cariocas *O Globo* e *O Dia*. Muitos discursos giram em torno do ritmo, tanto no sentido de marginalizá-lo quanto de legitimá-lo como expressão cultural. Após diversas manifestações populares e com envolvimento de artistas como Dj Marlboro e Fernanda Abreu, em 2009 a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro - Alerj - reconhece o funk como patrimônio cultural carioca. Após 1 ano de vigência da lei de reconhecimento analisamos a cobertura jornalística, mais precisamente, as edições de *O Globo* e *O Dia* - agosto e setembro - sobre o gênero musical em questão. Buscamos compreender como os discursos estão sendo construídos em relação ao funk e quais as possíveis representações e significações produzidas na sociedade carioca.

Palavras-chaves: Mídia; Funk; Cultura; Identidade; Rio de Janeiro.

A cultura funk

Considerado como uma das expressões musicais africanas no Brasil, o gênero funk chega à periferia do Rio de Janeiro nos anos 70. Influenciado por ritmos americanos, era executado somente em inglês nos bailes da periferia e nas favelas cariocas e com o passar dos anos, foi se desenvolvendo como um estilo e produção reconhecidamente cariocas, inclusive por suas letras passarem a ser em português. Um dos motivos pelos quais é repudiado por demais classes sociais é por ter nascido de uma juventude negra, mulata e pobre dos subúrbios carioca (SÁ, 2007).

Pensando cultura, não somente como uma manifestação popular, mas sim como um conceito identitário, de criação, de trocas entre demais culturas, que sofrem

¹Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Jornalista e Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Produção de Sentido. Atua na Fundação Biblioteca Nacional como pesquisadora bolsista e pesquisa cultura, comunidade, representação social e música. Contato: libnyfreire@gmail.com.

³ Esta pesquisa tem o apoio da Fundação Biblioteca Nacional através do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa – PNAP.



alterações com o passar dos anos, incluímos os gêneros musicais como parte dessas manifestações. A música é responsável por demarcar épocas, grupos e usos e costumes e o ouvinte irá usar a sua compreensão do mundo, sua identidade, emotividade, para dar a ela um significado. O funk é influenciado pela cultura *hip hop*, dialoga com a vida na favela, o cotidiano, o preconceito enfrentado pelos que moram no morro e trabalham fora daquele território. Nessas misturas, o gênero funk, notadamente, sofre influências de outros ritmos que permeiam a cena musical brasileira

No funk encontramos várias performances que evidenciam essa mescla: a fala cantada do *rapper*, muitas vezes, carrega a energia dos puxadores de escola de samba, as habilidades do corpo do *break* são acentuadas com o rebolado e a sensualidade do samba e o *sampler* vira batida de um tambor ou atabaque eletrônico. (LOPES, FACINA, 2010, p.2)

A partir dessas apropriações, que retratam sobre uma condição social: a vida nos subúrbios cariocas, nascem também diversas categorias no funk. Os principais elementos que caracterizam o funk são a batida e os discursos proferidos pelos MCs, que podem ter cunho romântico, de protesto e erótico. Entre as categorias reconhecidas pelo público estão o *funk melody* ou *charm*, com bateria eletrônica e cantando sobre o amor, desilusões e amor romântico, como a dupla Claudinho e Buchecha; o estilo *funk proibidão* apresenta um discurso social, tenta retratar a vida na favela, os preconceitos, injustiças sociais, entretanto, cita facções criminosas, façanhas de traficantes, e por isso, é geralmente executado dentro das favelas e combatido pela polícia. Um dos representantes do estilo é o Mr. Catra, que apesar de ter discos lançados no estilo *proibidão*, tem sua trajetória marcada pelo *funk erótico* ou *batidão*, e que caracteriza-se por conter letras com linguagem sexual e que incitam coreografias com teor erótico. Os bailes onde ocorrem têm proibida a entrada de menores de dezoito anos⁴.

Podemos observar a cultura como o conjunto de textos produzidos pelo homem, não apenas o texto escrito ou o falado, mas, como afirma Baitello Jr. devemos *entender por “textos da cultura” não apenas aquelas construções da linguagem verbal, mas também imagens, mitos, rituais, jogos, gestos, cantos, ritmos, performances, danças, etc.*(BAITELLO JR. 1999, p. 30).

⁴ Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/funk/dados-artisticos>. Acesso em 12 nov. 2011.



Não entraremos no discurso do que é considerado cultura ou não, pois teríamos que entrar no campo popular e erudito. Entendemos que o popular não significa tão somente o que provém do povo, mas sim o que é consumido por ele. O historiador e intelectual francês Michel de Certeau, em seu livro *A cultura no plural* nos fala dessa condição da cultura como um processo, um fluxo. Se é sabido que cultura é tudo que é especificamente humano, precisamos pensar o funk - sua construção - como cultura, analisando o fluxo de significados a partir dos discursos presentes, e em como estas manifestações, carregadas de sentidos, estão sendo apropriadas pela sociedade.

Os discursos referentes à condição do funk como cultura *menor* pelas classes consideradas eruditas, ditas intelectuais, nos remetem aos discursos do início do século XX, que combatiam o samba e as gafieiras, que até na raiz do nome, já contém um termo pejorativo, numa alusão à *gafe*, sendo, portanto, a gafieira um lugar onde se cometiam gafes, devido ao grau de instrução e educação das classes que frequentavam. Após ser eleito como um dos símbolos nacionais o samba foi legitimado como gênero musical e pode ser livremente consumido como música, hoje, com uma representação significativa até mesmo no cenário considerado *cult*. Mas afinal, por que se pode declarar preferência à Cartola e Noel Rosa e não ao Mc Leozinho, sem ser acusado de inculto? Por que *ser boêmio* é aceitável nos dias de hoje e afirmar *sou funkeiro* pode ser uma condição para ser estereotipado? Quais os significados produzidos socialmente a partir dessas escolhas?

Demonizado ou valorizado, em 2009, dois projetos de lei foram aprovados na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro – Alerj – no que se refere ao funk. Além de revogar regras que dificultavam a organização e realização dos bailes funks no Estado, definiu o gênero como um movimento cultural e de caráter popular.

Em matéria intitulada *Funk Legal*, numa alusão à legalização dos bailes como manifestação cultural, o jornal da Alerj emitiu uma nota relativa à aprovação, que foi realizada por unanimidade⁵

A cultura exaltou o combate ao preconceito contra o funk, que ganhou status de movimento cultural e teve garantida a sua livre manifestação, a partir da aprovação das leis 5.543/09 e 5.544/09.

⁵ Site do jornal: <http://www.alerj.rj.gov.br/Balanco20072010.pdf>. Acesso em 09 nov 2011.



Em suma, as leis asseguram a realização das manifestações próprias ao funk e proíbe qualquer ato de discriminação. Dentre os manifestantes em defesa da descriminalização do gênero estão nomes reconhecidos em todo o país, como Dj Marlboro, Fernanda Abreu e Neguinho da Beija-flor.

A partir desse cenário surge o movimento cultural denominado *Rio Parada Funk*, que conta com duas edições – 2011 e 2012 – com duração de 10 horas e cerca de 100 apresentações, entre DJs e MCs, o evento tem como objetivo reunir a população em prol da legitimação popular do funk como patrimônio carioca. Congregando os diversos estilos, do erótico ao romântico, além das apresentações musicais, há exposições fotográficas e oficinas.

Agenda e volume alto: O funk dos jornais

Na busca por compreendermos essas representações do funk, selecionamos as edições de 2010 dos jornais *O Globo* e *O Dia* - agosto e setembro - ⁶ que tratavam e/ou faziam qualquer referência ao gênero funk. Em nossa pesquisa, identificamos também o número de capas que foram dadas ao tema, bem como as que continham fotos e as narrativas de cunho positivo e/ou negativo.

Em média foram 40 edições analisadas e nos impressionou o pequeno espaço dado a um gênero, notadamente carioca, em detrimento do espaço dado a outros gêneros, como o samba e mpb, também importantes na construção cultural e cena musical da cidade do Rio de Janeiro.

Nossa escolha pelos jornais, já mencionados, se deu pelo fato de serem direcionados a públicos distintos. Mas as diferenças entre eles vão além da data de fundação, elas se manifestam através dos prováveis leitores de classe média e classes consideradas mais populares, além do valor cobrado pela edição diária.

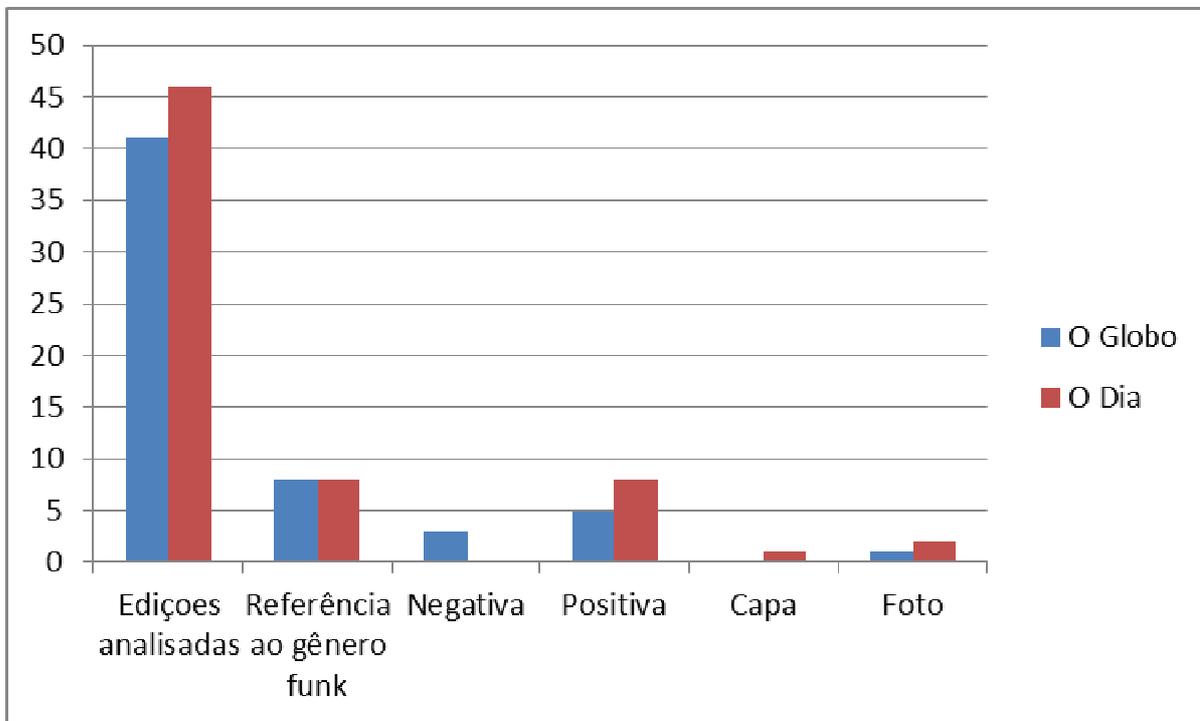
O jornal *O Globo*, fundado em 1925, é distribuído diariamente, e foi o primeiro a circular aos domingos. Apresenta-se mais tradicional e voltado para classe média alta, com matérias que enfatizam decoração e viagens internacionais, e sua edição diária custa R\$ 2,50.

O jornal *O Dia*, criado em 1951, com forte apelo popular, incluem matérias policiais, também distribuído diariamente, com forte apelo popular, predominam matérias

⁶Foram analisadas as edições da 2ª quinzena de agosto e o mês de outubro na íntegra de ambos os veículos.

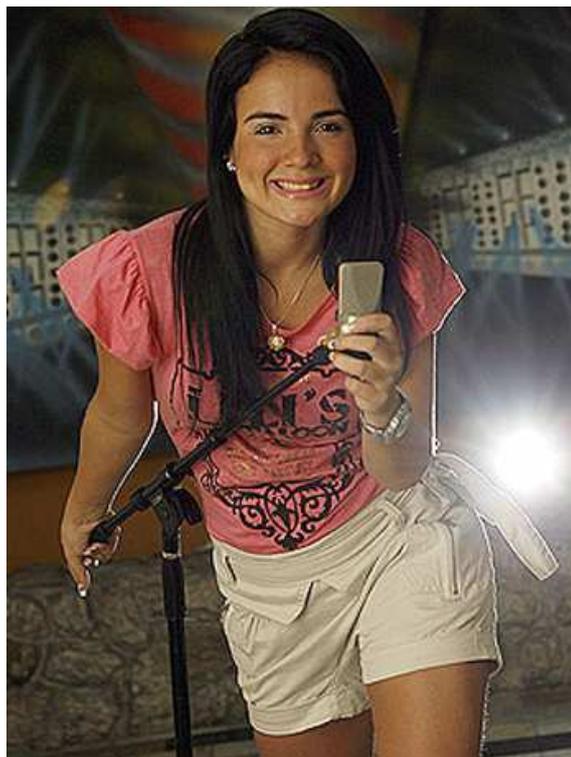
policiais e, através do caderno *O Dia D*, traz matérias sobre televisão, novelas, fofocas e agenda de bailes funk. A edição custa R\$ 1,20, menos de 50% do valor do *O Globo*.

No gráfico abaixo, apresentamos nossas categorizações para a análise:



Conforme mencionamos, as categorizações nos auxiliaram no entendimento destas representações, como por exemplo, o termo *funkeiro*, encontrado nas matérias, sinalizando que os termos foram incorporados ao texto jornalístico, e obviamente, socialmente.

No jornal *O Dia* – 16/08 – temos a única matéria referente ao funk onde foi dada destaque na capa principal. Sob o título *Brunninha, a lady gaga do funk*, é narrada a trajetória musical de uma Mc, cujo repertório é composto de funk melody e direcionado ao público *teen*. A referência à cantora Lady Gaga é entendida como uma alusão ao sucesso que a Mc alcançou no gênero funk, assim como Lady Gaga.



Mc Bruninha⁷

A matéria não trata apenas da trajetória da funkeira, também menciona o funk como gênero musical e dá a ele o título de *carioquíssimo*, numa clara referência ao lugar de nascimento e legitimação do funk como carioca.

O jornal *O Globo* não publicou matérias sobre o funk, apenas notas, com alguma citação, como em *Orfeu cai no funk* – 12/09 – que, apesar do título, a única referência ao gênero é quando diz que a releitura da peça inclui o funk numa entrada do personagem principal. O mesmo ocorre com nota publicada na coluna de Ancelmo Góis *Pancadão da Paz* – 18/09 – sobre a comemoração do dia Mundial da Paz na favela tijucana do Borel, libertada por uma UPP, onde *As mc's Priscilla Nocetti e Bruninha farão a festa com muito funk*.

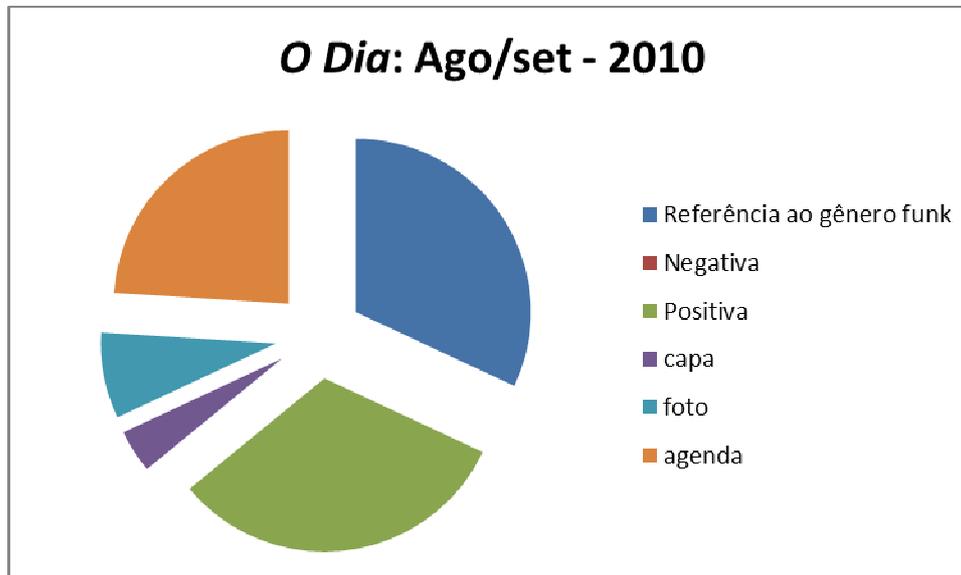
O uso da palavra favela, usada no *O Globo* é bastante incomum, pois o termo mais usado atualmente é comunidade, seria comunidade do Borel, por exemplo. No jornal *O Dia* não encontramos o termo favela associado ao funk.

Nas agendas de shows e eventos, comum aos dois jornais, os bailes funk são anunciados somente no jornal *O Dia*, como por exemplo a nota *Mr Catra* – 30/09 – que diz *Com*

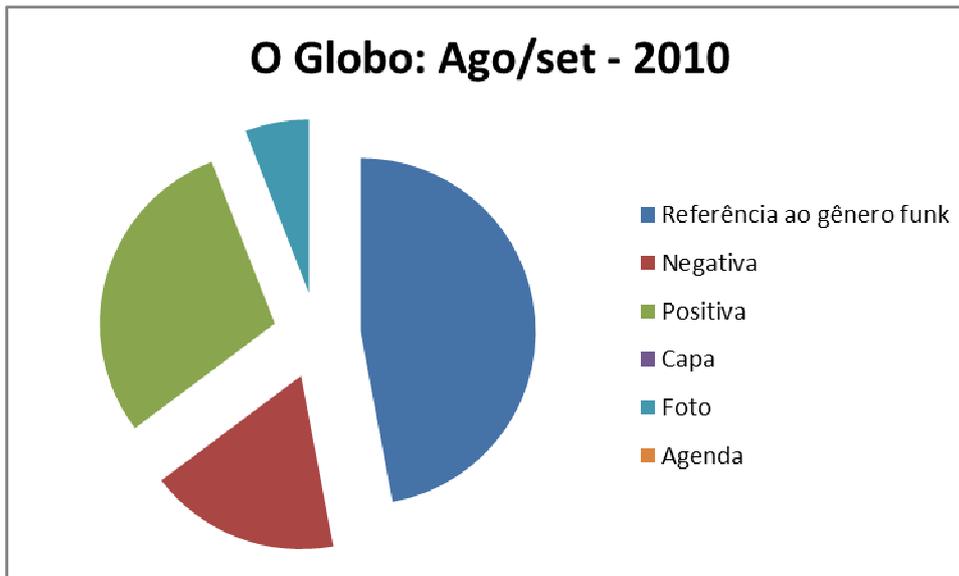
⁷ Disponível em <http://musica.terra.com.br/noticias/0,,OI4625112-EI1267,00-Quero+ser+a+Lady+Gaga+do+funk+diz+cantora+de+anos.html> Acesso em 14 abr. 2012.

nova dançarina, Agnes japonesa, o funkeiro mostra também novo repertório. Grátis (mulher) e R\$ 7 (homem) 18 anos.

No gráfico abaixo, podemos observar que no jornal *O Dia*, durante o período analisado, não foram atribuídas referências de cunho negativo ao gênero funk nem a seus adeptos, os funkeiros.



No jornal *O Globo* encontramos notas negativas em relação à realização de bailes funks, entretanto, essas notas, apesar de publicadas pelo jornal, faziam parte da sessão Carta do leitor, onde a reclamação que predominava era do volume do som e do horário de término dos bailes. As cartas relacionavam o baile funk às UPP's (Unidade de Polícia Pacificadora) sob alegação de que estas unidades é quem detinham a permissão para a realização dos bailes. Sob os título de *A UPP e o funk – 31/08*, *Funk nas alturas – 02/09* e *Funk e UPP – , 02/09* os leitores do *O Globo* se apresentam como não adeptos do gênero musical, refletindo negativamente na representação do funk neste jornal.



Registramos a nota *Moda Funk*, publicada na coluna *Gente Boa*, de O Globo – 22/08 – que aborda o estilo das mulheres que frequentam o baile funk. A nota informa que a tendência das funkeiras é o uso de um determinado estilo de calça jeans justa, e completa com *cós baixíssimo, claro*.

Conclusão

A música negocia significados, usando de duplo sentido, sexualidade e estereótipos, apresentando-se na sociedade, ao longo da história, como um dos elementos responsáveis pela expressão cultural (LIMA, 2010).

O funk como música, e portanto, expressão cultural acaba por representar realidades, sujeitos e narrativas pessoais, que acabam por reproduzir os estilos de vida dessa comunidade/grupo em que está inserido.

O lugar que um indivíduo ocupa socialmente determina a leitura que ele faz da música, podendo gerar sentidos diversos. A música, em especial o funk, vindo das camadas populares, integra a cultura urbana do Rio de Janeiro e luta por uma ressignificação, por uma identidade legitimada, tanto pela mídia, quanto pela sociedade.

Ter de reencontrar um espaço, ressituar-se com relação às instituições da vida privada (famílias, matrimoniais, residências,



loais), inventariar formas de manifestação segundo o acaso, explorar outros estilos de vida, constitui a fonte de debates, de pesquisas e de reações que compõem atualmente uma expressão cultural. CERTEAU (1995, p. 198)

Ao observarmos as representações do funk nos jornais carioca compreendemos que as publicações de *O Dia* são direcionadas a leitores que apreciam o funk, demonstrada pelas inúmeras notas sobre agenda de shows e bailes. Em contrapartida temos o jornal *O Globo*, que veicula as cartas de leitores reclamando da realização dos bailes, por causa do alto volume da música. Os jornais não chegam a considerar o funk com expressão cultural, mas o reconhecem como produto carioca – carioquíssimo – e identificam estilos presentes no gênero – moda funk – elementos que acabam por formar práticas, carregadas de sentido, evidenciando uma cultura funk, notadamente carioca.

Partindo da premissa de cultura como uma expressão, o funk é uma forma de comunicação de outra realidade social, dentre as muitas que convivem nos centros urbanos, nesse sentido, acaba sendo uma das formas de expressão, identidade e reconhecimento e um de nossos papéis é pensarmos como estamos “lendo” essa cultura, através da mídia, inclusive, e com isso, justificamos nossa pesquisa.

Acreditamos que quando olhamos o outro, acabamos nos vendo e entendendo melhor a sociedade em que vivemos.

Referências

BAITELLO JR, Norval. **O animal que parou os relógios:** ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas: Ed. Papyrus. 3 ed. 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

ESSINGER, Silvio. **Batidão:** uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90:** Funk e Hip Hop, globalização e



estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Mídia Regional: indústria, mercado e cultura**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2010.

LOPES, Adriana Carvalho. FACINA,

Adriana. **Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas**. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24340.pdf>. Acesso em 04 nov 2011.

MACEDO, Suzana. **Dj Malboro na terra do funk: Bailes, bondes galeras e MCs**. Rio de Janeiro: Dantes, 2003.

MARLBORO, Dj. **DJ Marlboro por ele mesmo: o funk no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo e prazer**. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MILAGRES, André Luis. **Demorou para abalar: o funk como zona de contato entre classes sociais**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, CIEC, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação & pesquisa**. Coleção Comunicação. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SÁ, Simone Pereira. **Funk Carioca: música eletrônica popular brasileira?! Disponível em** http://www.compos.org.br/files/11_Simone.pdf. Acesso em 04 nov 2011.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988.